

Comunicações - Sessão 3

A cena musical de Belém na revista *A Semana Ilustrada* (1887-1888), sob o traço de Crispim do Amaral e Manuel do Amaral

Raúl Gustavo Brasil Falcón¹

Luciane Viana Barros Páscoa²

Universidade do Estado do Amazonas

Resumo: A revista *Semana Ilustrada*, de Belém do Pará, foi fundada pelo pernambucano Crispim do Amaral no de 1887, sendo um dos periódicos que mais teve circulação em seu tempo. A característica das publicações era variada: abordava desde simples acontecimentos do dia-a-dia, hábitos e personalidades da sociedade belenense. Conhecido por suas inúmeras habilidades artísticas, Crispim do Amaral (1832-1911) foi pintor, escultor, decorador, cenógrafo, desenhista, aquarelista, caricaturista, ator e músico, neste último e participou de saraus e concertos nos teatros de Manaus e Belém. Trabalhou como caricaturista em diversos jornais, tais como *A Semana Ilustrada* (1887), *O Malbo* (1902), *A Avenida* (1903), *O Pau* (1905), *O Século* (1910-11). A escolha pela revista *A Semana Ilustrada* privilegia o periódico em que o artista teve mais participação, com significativa repercussão em seu tempo. Trabalhou no jornal *O Estafeta*, publicado em 1879, na cidade de Belém, tem como edição e lançamento do próprio Crispim do Amaral, com apenas duas publicações. Logo após a sua saída na direção da revista *Semana Ilustrada*, assume o seu irmão, Manuel do Amaral, ainda pouco conhecido no universo das caricaturas. A obra gráfica de Manuel do Amaral foi bastante produtiva, chegando a superar a produção de Crispim do Amaral. Destaca-se várias obras como caricaturas, alegorias, desenhos de costumes do povo, documentários, retratos, etc. A linguagem musical presente neste artigo encontra-se interligada com a imagem e o texto, na forma de caricaturar e ridicularizar personagens atuantes e acontecimentos festivos na cidade de Belém. No âmbito dos estudos iconológicos proposto por Erwin Panofsky, analisamos as formas presentes das imagens, pela identificação das formas puras, e posterior, interligando com a literatura oferecida pelos mesmos.

1 Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes na Universidade do Estado do Amazonas.

2 Professora doutora no Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes na Universidade do Estado do Amazonas.

Para a análise deste trabalho, utilizou-se como principal referência a teoria da arte de Erwin Panofsky, na qual estabelece uma metodologia de análise e interpretação artística. Na teoria proposta observa-se uma organização nos processos das análises de cada imagem, para evitar pressupostos equívocos sobre a interpretação da obra de arte, dividindo em três níveis³

Durante o século XIX as cidades nortistas de Manaus e Belém viveram o seu apogeu econômico graças à extração e à comercialização do látex oriundo da árvore da seringueira. Com o crescimento da economia, ocorreram significativas mudanças no cenário arquitetônico e social na vida da população dessas cidades. Belém e Manaus são as principais cidades que se beneficiaram dessa comercialização, e como representantes de toda essa riqueza, estão o Teatro Amazonas, em Manaus e o Teatro de Nossa Senhora da Paz, em Belém. Atraídos por esse *boom* econômico, deslocaram-se para o norte do país, diversos artistas – como decoradores, desenhistas, pintores, escultores – em busca de melhores oportunidades de trabalho. Entre esses artistas, se destaca o jovem pernambucano Crispim do Amaral (1858-1911).

3 **Descrição pré-iconográfica:** voltada para o conteúdo temático primário ou natural - factual, expressivo, constituindo o mundo dos motivos artísticos. É apreendido pela identificação das formas puras, ou seja, distinguir diferenças de linhas e cores, representações de objetos naturais tais como seres humanos, animais, plantas, ferramentas e etc. Identificação de relações mútuas e acontecimentos; identificar possíveis qualidades expressionais – “A primeira parte da análise constitui pela simples identificação das formas visíveis com determinados objetos que já conhecemos por experiência prática e pela identificação da mudança de suas relações com certas ações e fatos”; (PANOFSKY, 1991, p.48).

Análise iconográfica: conteúdo temático ou convencional, constituindo o mundo das imagens, histórias e alegorias. Panofsky atenta para não somente estar familiarizado com o mundo prático dos objetos e fatos, mas, além disso com o mundo mais do que prático dos costumes e tradições culturais de determinadas civilizações. Outra observação que diferencia do primeiro nível é a busca pelo “inteligível em vez da sensível [...] por ter sido conferido à ação prática pela qual é veiculado” (IDEM). Nessa etapa, a iconografia estará atrelada pela nossa experiência prática, mas também com as fontes literárias, servindo para corrigir apenas as experiências práticas, ampliando a interpretação sob diferentes condições históricas, objetos e fatos da qual foram criados (história dos estilos) e a compreensão de que maneira, sob quais aspectos históricos diferem, temas específicos e conceitos foram expressos (história dos tipos).

Interpretação iconológica: significado intrínseco ou conteúdo que constitui o mundo dos valores simbólicos. Para Panofsky, este nível é apreendido pela determinação de atitudes básicas de uma nação, ou período, de classe social, crença religiosa, etc – é a interpretação composicional e iconográfica da obra, enfocando as histórias dos sintomas culturais. A interpretação iconológica requer algo a mais do que a simples familiaridade com conceitos ou temas transmitidos através de fonte literárias, é a busca pela o que ela quer nos transmitir: “para captar esses princípios necessitamos de uma faculdade mental comparável à de um clínico nos seus diagnósticos – faculdade essa que só é dado pela intuição sintética” (IDEM, 1991, p. 62).

Conhecido por seus variados talentos como ator, pintor, arquiteto, caricaturista, desenhista, cenógrafo, escultor, jornalista e músico, chegou ao norte do país com 18 anos de idade, junto com Companhia Teatral de Vicente Pontes de Oliveira, trabalhando como cenógrafo e decorador e cenógrafo nos teatros de Belém. Em Manaus, para os serviços de decoração do Teatro Amazonas, ficando encarregado para a aquisição da mobília, mecanismo do palco, a confecção do pano de boca⁴ e a subcontratação dos artistas italianos para a decoração do salão nobre. Crispim do Amaral. Chegou a estudar em Roma, supostamente na Academia de San Lucca (Itália), para se aperfeiçoar em pintura. (SILVEIRA, 2010, p. 244)

Em Paris, trabalhou em um dos jornais humorísticos mais prestigiados da época, o *Le Rire*, rendendo-lhe uma fama internacional. Em uma de suas publicações, ficou famoso com a charge *Dum-Dum*, “representando a rainha Vitória presa, como uma criancinha, debaixo do braço de Kruger⁵, que lhe sofraldava a saia e batia palmada” (LEITE, 1940, p. 143) – a caricatura fazia alusão às balas explosivas do exército inglês e uma das primeiras derrotas britânicas. A divertida charge infelizmente lhe causou um processo da justiça francesa contra o editor e o caricaturista, sendo condenado a três anos de prisão, mas retorna para o Brasil antes mesmo de cumprir a sentença. No Brasil, retornou para o Rio de Janeiro, desempenhou diversas funções como cenógrafo e retoma a sua carreira jornalística fundando diversos jornais como *O Malbo* (1902), *A Avenida* (1903) e o *Pau* (1905).

Manuel do Amaral (1873-?), ao lado de seu irmão Crispim do Amaral, trabalharam na revista *A Semana Ilustrada*, tornando-se posteriormente diretor artístico da revista, constando cerca de 110 desenhos realizados. Com o pseudônimo de *Duc*, assumiu o semanário na revista de nº 12 ano 1. Sobre a sua trajetória ainda é pouco incerta. Vicente Salles (1992) aponta para a problemática biográfica desse

4 Entre os trabalhos desenvolvidos por Crispim do Amaral, atribuem-se os panos de boca pintados para o Teatro Amazonas - *A Alegoria do Encontro das Águas* (executado aproximadamente em 1895) e para o Teatro da Paz - *A Alegoria da República* (1889).

5 Paul Kruger (1825-1904), presidente da Zuid-Afrikaanse Republiek, nasceu em Bulhoek. Kruger deu início, ainda em adolescente, à sua carreira militar, tendo, mais tarde, demonstrado grande interesse pela política. O futuro presidente seria responsável, em 1855, por redigir, conjuntamente com outros transvalianos, a constituição do Transval. Na sequência da anexação, em 1877, da República sul-africana pela Grã-Bretanha, Kruger liderou, em 1880, a rebelião contra a presença inglesa na África austral. No entanto, as tensões entre bóeres e ingleses acabaram por dar origem, a 11 de outubro de 1899, à segunda guerra Anglo-Bóere. Com a assistência da Holanda, Kruger, na esperança de mobilizar as potências europeias para a causa sul-africana, viajou até à Europa, onde passaria os últimos dias da sua vida. PEREIRA, Teresa. “METHODS OF BARBARISM”: a guerra Anglo-Bóere na imprensa periódica portuguesa. *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*, nº 23. Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2014, p. 338.

artista que foi tão fecundo em Belém, pois os únicos registros são as notícias de seus trabalhos artísticos em diversos periódicos. Sabe-se que iniciou a carreira artística ainda no Pará, ao lado de Crispim do Amaral. Estudou na Europa, na academia italiana de San Lucca, em Roma, e participou do Salão Nacional de Belas Artes, em 1908. Apesar de não ser muito conhecido entre os irmãos de Amaral, trabalhou com personalidades importantes na história das artes plásticas do norte do país: foi auxiliar de Domenico de Angelis, chegando a trabalhar no Teatro da Paz e na Catedral de Belém.

Lançada em quatro de julho de 1887, o periódico caricato *A Semana Ilustrada*, foi o jornal que teve mais longa duração entre os trabalhos que produziu, permanecendo durante quatro anos de circulação na cidade de Belém. Entre os periódicos existentes naquela época, *A Semana Ilustrada* é um importante registro da vida política do país o periódico permeia entre os finais da monarquia brasileira e início da república. O jornal passou por duas fases, a primeira durou cerca de dois anos e publicou cinquenta exemplares, sob a direção inicial de Crispim do Amaral e posteriormente seu irmão, Manuel do Amaral; na segunda fase do jornal publicaram-se apenas dezesseis exemplares – nessa fase, o jornal contava com diversos caricaturistas e proprietários diversos. A impressão era feita em pedra litográfica e a tipografia ficava a cargo de A. Campbell⁶, possuindo oito páginas e duas colunas, separadas por um fio de lã. Em todas as edições da revista, a capa, a contracapa e as páginas centrais eram dedicadas às ilustrações, e o restante, aos textos.

O periódico *A Semana Ilustrada* conta com cerca de 33 desenhos de Crispim do Amaral e mais de 110 de Manuel do Amaral. Os desenhos são de cunho variado, partindo para temas da sociedade paraense, do cotidiano, ridicularizando figuras públicas e cenas jocosas. Ao longo de todas as edições da *Semana Ilustrada*, foram encontrados cerca de dezenove desenhos de natureza musical realizadas por Crispim do Amaral e seu irmão, Manuel do Amaral. Os seguintes desenhos são identificados com as assinaturas de *Puck*⁷ (utilizada por Crispim) e *Duc* (a de Manoel). Em relação aos textos publicados no semanário *A Semana Ilustrada*, Vicente

6 João Archibald Campbell (1840-1924) Jornalista e caricaturista, natural da cidade de Belém, é considerado o grande incentivador da caricatura no Grão-Pará. Filho de escoceses (uns dos primeiros escoceses a se estabelecer em Belém), inicialmente trabalhou como comerciante, mas se enveredou pelo jornalismo cotidiano, comercial e político. Investiu na publicação e manutenção de vários jornais (SALLES, 1992).

7 A escolha de “Puck” não é por acaso - é um dos personagens de William Shakespeare no conto *Sonho de Uma Noite de Verão*; um ser mitológico que habita nas florestas, de caráter brincalhão e travesso.

Salles aponta para a problemática da identificação dos autores dos textos. Na maioria dos casos, as assinaturas estão sob a forma de pseudônimos, e sempre com as iniciais da letra “K”: *K. Tinga, K. Gado, K. Nuttilho, K. Loiro*. De acordo com Salles (1992), a letra *K* está ligada com a palavra *Kronista*, no geral, sempre fazendo trocadilhos com outra palavra subsequente. Neste artigo apresentaremos a ligação das imagens com os textos publicados no periódico *A Semana Ilustrada*.

Logo no primeiro ano, número 9, encontramos uma das primeiras representações que estão ligadas a natureza musical. Na figura 1, o desenho foi realizado por Crispim do Amaral, pois conta a assinatura no canto esquerdo da charge. Em segundo plano há uma representação feminina tocando um instrumento – piano – como acompanhante, e em primeiro plano, com formas bem definidas, nota-se a representação de um homem cantando, pois segura em sua mão direita uma partitura não muito bem definida. Na imagem consta a seguinte descrição: “Mas como tudo tem *linitivo*, nos deleitamos com as cantarolas de Clemente.” No periódico não consta nenhuma informação a respeito da figura que está sendo caricaturada. Mas com a informação “Clemente” podemos fazer uma ligação a um professor de canto e pianista que viveu nessa época com esse mesmo nome. Clemente Ferreira Junior (1864-1917), natural da cidade de Belém, foi professor e pianista. Seus estudos musicais se deram tomando aulas com Friendenthal e Marmontel. Estudou em Portugal, Alemanha e Paris. Retornou a Belém em 1883, atuando como solista e foi um dos professores mais importantes no do Conservatório de Música do Pará. Compositor muito profícuo, publicou em diversas editoras paraenses músicas com temas folclóricos, além de diversas polcas e valsas. A atividade mais importante desenvolvida por Clemente Junior foi a implantação do canto orfeônico em diversas escolas públicas, considerado pioneiro do ensino de canto coral nas escolas de Belém (PÁSCOA, 2015, p. 172).

Vicente Salles (2007) publicou sobre as atividades do canto orfeônico na cidade de Belém, relatando as diversas atividades e trabalhos realizados por esse compositor. Salles, em sua pesquisa, nos oferece uma imagem do próprio maestro Clemente Ferreira Junior (Fig. 2). As caricaturas consistem em exagerar os traços fisionômicos da figura humana, com intenção de criticar, divertir e até homenagear um determinado personagem. As seguintes imagens apresentam bastante similaridade fisionômica, podendo ser mesmo do compositor Clemente Ferreira Junior. Outra informação que reforça ser a caricatura do maestro é a presença do nome “Clemente”, descrito pelo próprio caricaturista.

Fig. 1 - “As cantarolas de Clemente”, uma das primeiras caricaturas musicais de Amaral



Fonte: *A Semana Ilustrada*. Belém, 29 de agosto de 1887. Número 09 anno I.

Fig. 2 - Maestro Clemente Ferreira Junior.



Fonte: Acervo Vicente Salles. 2007

Fig. 3 - Detalhe em pormenor de Clemente, realizado por Crispim do Amaral

Em outra publicação, Crispim do Amaral retrata de modo jocosamente os jovens intelectuais de outro periódico artístico literário, *A Arena* (1887), publicado e redigido pelos irmãos Paulinho e Heliodoro de Brito e João Marques de Carvalho (SALLES, 1992). A publicação da capa de nº 6 d’*A Semana Ilustrada* ano I, retrata o jornal *a Arena* como um animal morto (burro), na qual há mosquitos e urubus sobrevoando o corpo do animal abatido. Ainda nessa mesma imagem há um pássaro retratando o jornalista Paulinho de Brito, entoando o “memento”. O motivo pelo qual Crispim do Amaral o retratou dessa forma envolve uma situação política ocorrida naquele ano.⁸ O autor escreve como título “Pela Política”:

Não estranhem os nossos dignos leitores, que a semana ilustrada occupelhes a atenção tratando do assumpto estafado, que por sua vez ocupa a atenção dos que se acham no poleiro governamental e d’aquelles que desejam empoleirar-se (...) A nossa politica anda, presentemente, de sal amargo... pelo menos, é o que parece. (...) << A situação cáe os pedaços, como farrapos. Anda tudo podre, cheirando á gangrena.” (*A Semana Ilustrada*, 8/08/1887, nº 6 anno I)

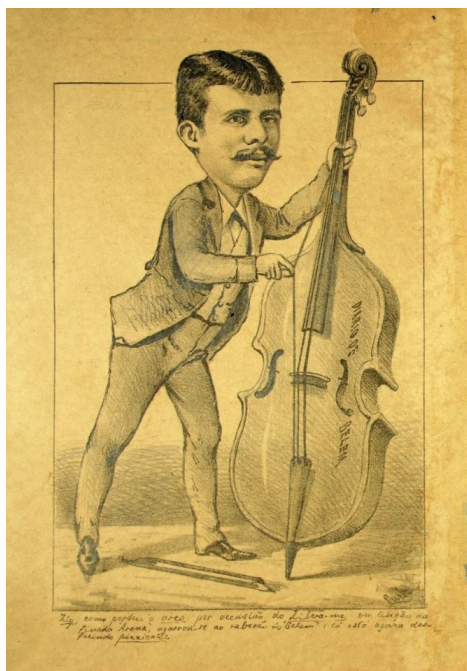
A causa do desenho feito por Crispim estava ligada ao apoio do semanário *A Arena* aos grupos políticos conservadores. O desenho retrata a “morte intelectual e de causa” do periódico. A figura de Paulinho Brito como um pássaro *bem-te-vi* é descrita da seguinte maneira por Crispim do Amaral:

É um passarinho de peito amarelado e de uma corôa brancana cabeça... O Diário de Noticias diz que óculos! Estupendo! Porém, os leitores não sabem, é que este passarinho sonha, ás vezes, e trasmitte ao leitores de Belém os seus estupefantes sonhos. Segunda feira passada, por exemplo, ele sonhou que esta cidade lhe parecia uma imensa casa de *Orates*... Todos riam, riam, e riam (...) e lá foi pe-

⁸ Apesar da imagem não estar ligada à natureza musical, é a partir dessa publicação que elencará os outros desenhos a respeito do escritor Heliodoro de Brito.

los ares quebrar os óculos do bem-te-vi, que estava choramingando a morte da literatura amazônica! Que scena, leitor, que scena! (...) Passava um cadáver de jumenta em uma carroça de lixo. Era a ultima esperança da nascente literatura do norte, que se finava. Uma voz fatídica disse: - Lá se foi a *Arena*.. (*A Semana Ilustrada*, 8/08/1887, nº 6 anno I)

Fig. 4 - Zig (Heliodoro de Brito) por Crispim do Amaral



Fonte: *A Semana Ilustrada*, Belém 29 de agosto de 1887.

Na imagem da figura 4 notamos a presença de um homem, com membros do corpo exagerados. Em sua mão esquerda segura um instrumento com três cordas, que podemos identificá-lo como um contrabaixo acústico. No instrumento musical há um nome escrito “Diario de Belém”, e abaixo encontra-se o arco do contrabaixo. Logo abaixo da imagem, encontra-se um pequeno texto feito escrito por Crispim do Amaral com a seguinte descrição: “Zig, como perdeu o arco, por ocasião do *Libera-me*, em tenção da finada “Arena”, agarrou-se ao rabecão do “Belém” e lá está desferindo pizzicatos” (*A Semana Ilustrada*, Belém, 29 de agosto de 1887). Na mesma edição, em resposta a última publicação de He-

liodoro de Brito, encontramos o texto referente publicado na coluna *A Surdina*.⁹ De acordo com o texto, a imagem refere-se ao pseudônimo *Zig*, representando o “pizzicatonista” (em alusão a coluna *Pizzicato* escrito por Heliodoro de Brito), que lhe desfere pizzicatos nas cordas de tripas da “rabeça fanhosa”. Outro detalhe é o nome escrito *Diario de Belem* no contrabaixo acústico, se referindo ao jornal Diário de Belém, na ocasião que Heliodoro de Brito participou como escritor da coluna *Pizzicato*. A respeito da trajetória do escritor é bastante escassa, carecendo de fontes biográficas e obras publicadas. A outra imagem representando o escritor é ainda em virtude das publicações feitas na coluna *Pizzicato*, do Jornal Diário de Belém. A imagem corresponde ao texto publicado na *Semana Ilustrada*, 05 de setembro de 1887, ano 1 n.º 10, criticando duramente as respostas do escritor Heliodoro de Brito. Amaral o desenha de maneira bastante provocativa e jocosa -

9 “Zig, aquelle incommensuravel zig, que tantos narcóticos tem propinado aos leitores de <Belem>, acaba de alçar a grimpá!” A rapaziada cá de casa podia tomar a cousa a sério; mas ... nós não estamos resolvido a esgrimir caualetes de violinos. Entretanto, aquele dueto, porque ali andam, com certeza, duas mulhecas, não deve passar sem um pequenino reparo, embora este vá de gato sobre brasas...Aqueles Pizzicatos fariam honra certamente a qualquer autor do – Homem das Serenatas – e até mesmo ao emburrador de tudo quanto é picturesque, si por ventura qualquer d’elles quisesse, sem arremedar o sapateiro da anedocta, tocar rabeção. Apreciemos. Confessem que – aos grandes abalos segue-se o amortecimento, ás grandes alegrias sucedem ás horas de tédio, ao vapores delirantes d’um pifão sucumde a clássica ressaca, ás grandes festas segue-se uma insipidez, um cynismo, que nem o diabo pôde tolerar. Em bom portuguez, abstração feita das phrases pompeiantes e campanudas de Zig, quer isto dizer: -que eles, ou antes, ele, Zig, acha-se presentemente amortecido, tedioso, res-sacoso, insipido e cynico, a ponto de nem o diabo poder tolerar-o, principalmente diante d’aquelles vapores que deliram como qualquer hospede de Rilhafolles.

Em face do nosso código crim, a confissão do réo não lhe serve de carga; e em face do dictado; - quem confessa o crime merece perdão- Zig deve obter meia absolvição, pelo menos (...) Ora, n’estas condições, abate-se-nós o primeiro ímpeto, move-se-nós a compaixão e ... deixamos o pizzicatonista entregue ao delírio de fazer cocegas com aquellas mãos patricias, elegantes e mignons em qualquer vervo com tensão, que por ahi além encontre, como, por exemplo, as cordas de tripas de uma rabeça fanhosa. Pôde, pois, apertar as caravelhas, e com os afilados dedinhos continuar a profissão.

Querem leitores apreciar a verse humorística? Ora ouçam : - Declara ele, que sairá de sacóla em punho, pedindo um vintém para os fieis agonizantes, referindo-so á rapaziada da Semana; e termina dizendo que, em consequência de não ter azas, pedirá á seu irmão Bem te vi que nós traga nas suas o socorro. D’ahi se conclue que Zig já é implume, pôde tambem ser pelludo. Mas o desalmado cuspio para o ar ! Esqueceu-se que estava debicando o próprio irmão, eitando-lhe a antonomásia. Disse, ainda mais, que somos insignificantes pintores de burro, e nem se lembrou que aqui, do alto d’estas paginas, jjá pintamos-lhe o irmão! Nos persuadimo-nos que tínhamos pintado um mimoso pássaro; mas Zig declara, que aquela pintura representa um burro, com quanto tenha azas e luneta. E assim o desalmado atesta a capacidade lá do seu mano! Oh ! á tanto não queremos chegar... Paulinho! Agradece ao mano as amabilidades! Pedimos ao Zig, que nos traduza o trecho seguinte, pois não comprehendemos, talvez por ter sido escripto sob a influencia dos taes vapores que deliram. <<...trazia em compensação emblemas e anjos que para mais colorido local deixavam as vistas estupefacta pernas beri-bericas>>. Uf ... quase não tomamos folego! Desmancha-nós esse novelo, o Heliodoro! ... e lembra-te, meu velho, que nós cá estamos pintando a manta e os burros, conforme affirmas. E... toma lá esta beijoca! (Crispim do Amaral. *A Semana Ilustrada*. Belém, 29 de agosto de 1887. N.º 9 anno I)

um burro, utilizando vestimentas padrões da época, em coiceando o contrabaixo, deixando o instrumento musical danificado. De acordo com o texto que segue abaixo da figura (“o nosso caricaturista diz que este é o verdadeiro Zig... coisas do lápis”) é a própria representação de Zig, mais conhecido como Heliodoro de Brito.

Fig. 5 - Outra caricatura de Zig (Heliodoro de Brito) por Crispim do Amaral



Fonte: *A Semana Ilustrada*, 05 de setembro de 1887. Número 10, anno I.

De acordo com a própria revista, a caricatura representando o contrabai-xista burro coiceando o contrabaixo (Fig. 5) são as representações de Heliodoro de Brito. Na coluna *Pizzicatadas* (em alusão a coluna *Pizzicatos*, do jornal *Diário de Belém*) da revista *A Semana Ilustrada*, o cronista¹⁰ escreve de maneira mais clara a representação do desenhos realizados na edição anterior (*A Semana Ilustrada*, 29 de agosto de 1887) e a atual (*A Semana Ilustrada*, 05 de setembro de 1887):

Veja-se o Heliodoro de Britto, que, segundo o Zola do Pará, é *crítico-litterario!* Puff! E foi o sujeito que nós pintamos nos *Pizzicatos* a acompanhar uma modinha ou cançoneta da actriz Aurora. Foi o Heliodoro, o Cabeçudo, que caricaturamos na nossa ultima página do numero passado e não Angelo Dias (...). Nós, finalmente, que já não sabemos pintar nada, sem metter as taes feições de burro, queremos dizer da *Arena*, estamos sendo victimas do remorso. (*A Semana Ilustrada*, 05 de setembro de 1887, número 10, anno I)

Não se sabe ao certo o que Heliodoro de Brito publicou em seu jornal a *Arena* e nas colunas do *Diário de Belém*. Além de render duas caricaturas bastantes expressivas que ridicularizam a figura do escritor, culminou também um pequeno

10 Identificado somente pelo pseudônimo de Dr C. Mana.

conto¹¹ envolvendo a figura do burro, personificando o próprio Heliodoro de Brito¹².

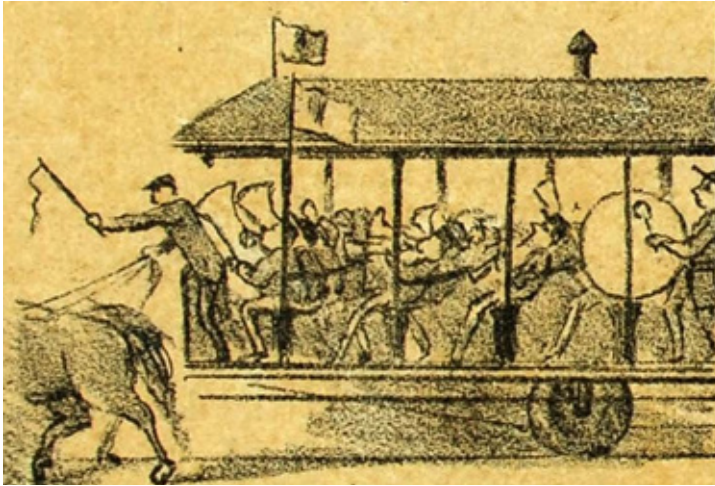
Crispim do Amaral retratou diversas cenas do cotidiano do povo de Belém. Na figura 6, vemos uma sátira ao transporte público da época. Representa um bonde, que está sendo puxado por cavalos. Dentro há uma representação de um grupo musical, com os seguintes instrumentos identificáveis: tubas, trompetes, clarinetes e um bumbo – formação típica de bandas, segue com a seguinte legenda: “O melhor meio de atrair concorrência a uma nova linha de bonds”. De acordo com Vicente Salles (SALLES, 2007, p.37), as bandas musicais são uma das instituições mais vigorosas no Pará, mantendo-se ainda hoje as tradições dessa prática. Produto de uma iniciativa popular, a organização e manutenção desses conjuntos, com existências há mais de cem anos: “é mais que um acontecimento artístico nas comunidades; é com efeito um fenômeno de natureza sociológica. Sendo principalmente, o conservatório do povo. Manuel do Amaral, também retratou também essas manifestações artísticas nas ruas da cidade de Belém, como a que aparece na figura 7 abaixo.

Os registros aqui mostrados neste artigo, que vão desde a guerra literária com desenhos jocosos utilizando instrumentos musicais e a caricatura do cantor Clemente Ferreira Junior, além das representações das bandas musicais da cidade belenense, ajudam a compreender as diversas práticas ocorridas no final do século XIX, enriquecendo a importância dos tipos populares e da documentação histórica social da música. Manoel do Amaral, foi um dos últimos a registrar os acontecimentos políticos e comportamentos de uma sociedade que estava em transição política – saindo do antigo regime monárquico para a nova república. Por sua vez, Crispim do Amaral, em seus últimos registros como caricaturista, nos revela um humor ácido e crítico sobre a política, os costumes e da literatura paraense.

¹¹ Zing ou Zang : “Um dia Satan disse ao padre Eterno: - Jehovah, vamos vêr quem faz um ente Mais formoso que um anjo transcendente das profundas cavernas lá do inferno. Respondeu-lhe o Senhor, o sempiterno: - Pois faz teu filhote, teu servente, mas que tenha um aspecto de gente (*) e saiba sempre ser teu subalterno. Satam foi trabalhar e com delírio ... Jehovah fez um entre que eu adoro, o mais bello dos anjos lá do Emyreio. E o demo fez um ser, que só deploro, mais burro do que gente, que martyrio! Fez um typo nojento, um Heliodoro! (K. Tinga. A Semana Ilustrada, 05 de setembro de 1887, número 10, anno D).

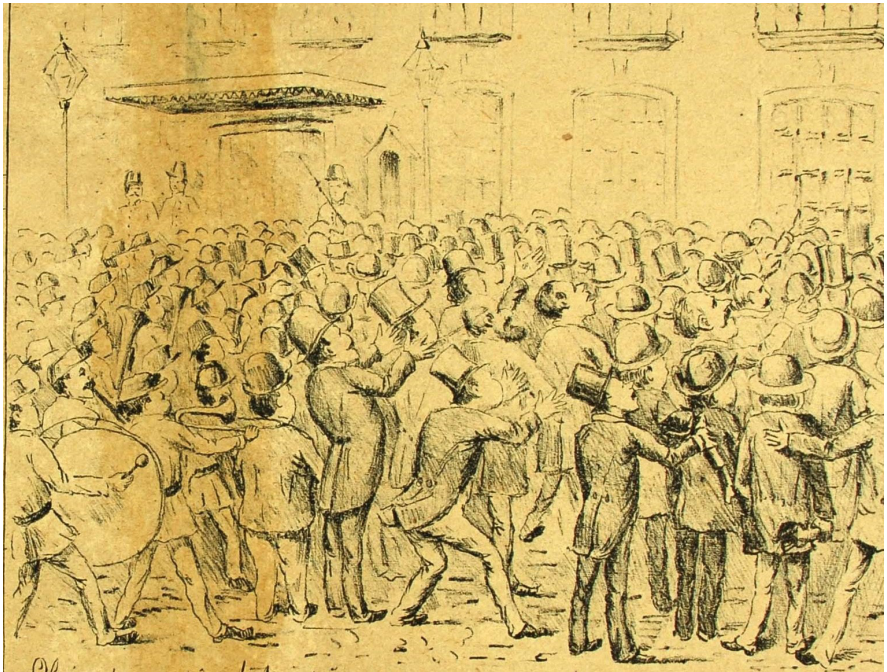
¹² Intitulado como Zig ou Zag, a crônica foi escrita sob o pseudônimo de K. Tinga.

Fig. 6 - Banda musical no bonde puxado por cavalos



Fonte: *A Semana Ilustrada*, 15 de agosto de 1887. Número 01, anno I

Fig. 7 - Banda musical em manifestação de rua



Fonte: *A Semana Ilustrada*, 05 de dezembro de 1887. Número 19, anno I

Referências

- GERVEREAU, Laurant. **Ver, Compreender, Analisar as imagens**. Lisboa: Edições 70, 2004.
- JOLY, Martine. **Introdução à Análise da Imagem**. Lisboa: Edições 70, 1994.
- LEITE, José Roberto Teixeira. **Pintores Negros do Oitocentos**. Rio de Janeiro: E. Emanuel Araújo e Indústria de freios KNORR/MWM motores, 1988.
- MESQUITA, Otoni. **Manaus História e Arquitetura (1852-1910)**. Manaus: Editora Valer, 3º Ed. 2006.
- PANOSFSKY, Erwin. **O Significado nas Artes Visuais**. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- PÁSCOA, Luciane. Últimos dias de Carlos Gomes, de Domenico de Angelis e Giovane Capranesi. Anais do 3º Congresso de Iconografia Musical- Iconografia, Música e Cultura: Relações e trânsitos. Bahia, Universidade Federal da Bahia. 2015.
- PÁSCOA, Márcio. **A Vida Musical em Manaus na Época da Borracha (1850-1910)**. Manaus: Imprensa Oficial do Estado do Amazonas/FUNARTE, 1997.
- _____. **Crispim do Amaral. Série Memória, nº 17**, Manaus: Governo do Estado do Amazonas/Secretaria de Estado da Cultura, Turismo e Desporto, Coleção nº1, 2000.
- _____. **Ópera em Belém**. Manaus: Editora Valer, 2009.
- PEREIRA, Teresa. **“Methods of barbarism”**: a guerra Anglo-Bóere na imprensa periódica portuguesa. Revista de Estudos Anglo-Portugueses, nº 23. Universidade Nova de Lisboa **INSS**: 0871-682X. Lisboa, 2014, p. 338
- SALLES, Vicente. **O traço da troça, ou o desenho de humor no Grão-Pará**. Belém. Coleção organizada pelo autor publicadas no jornal *A Província do Pará*. 1992 a 1994. Belém, Acervo Vicente Salles.
- SOUZA, Rose Silveira de. **Histórias invisíveis do Theatro da Paz: da construção à primeira reforma. Belém do Grão-Pará (1869-1890)**. Belém. Editora Paka-tatu. 2010.

PERIÓDICOS

A Semana Ilustrada. Belém, 1887.